

PT quer evitar que eleição de 98 seja mera disputa entre FH e a esquerda

Partido pode formar uma comissão para ajudar a lançar um candidato 'de centro'

Luís Costa Pinto

● **BRASÍLIA.** A direção nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) reúne-se informalmente neste fim de semana, em São Paulo, e pode tomar uma decisão ousada. O PT pode autorizar seu presidente, José Dirceu, a formar uma comissão de petistas para visitar o ex-presidente Itamar Franco em Juiz de Fora, quando ele regressar ao Brasil depois de deixar a embaixada brasileira na OEA, no final de julho, e procurar as lideranças nacionais do PMDB que fazem oposição ao Governo — o deputado Paes de Andrade (CE) e os senadores José Sarney (AP), Jader Barbalho (PA) e Roberto Requião (PR).

Os encontros terão por objetivo assegurar a existência de um candidato "de centro" à presidência da República em 1998. Este candidato ficaria no meio da polarização da campanha entre o

presidente Fernando Henrique Cardoso e o candidato único da esquerda, que deverá ser Luís Inácio Lula da Silva, presidente de honra do PT.

Objetivo é impedir que eleição seja decidida no primeiro turno

— É importante que o PMDB tenha o seu candidato, que pode ser o Itamar, o Sarney, o Requião, o Jader ou qualquer outro. Assim como também é importante que o PPS, se achar que deve, lance o Roberto Freire ou outro candidato à presidência. Precisamos dar espaços para que todos mostrem as suas propostas nos palanques em 1998 — argumenta o deputado José Genoíno (PT-SP), autor da idéia de levar a direção do seu partido a se encontrar com seus potenciais adversários.

A idéia de Genoíno tem um objetivo claro e esperto: evitar que em 1998 Fernando Henrique tenha como único adversário de

peso o candidato dos partidos de esquerda, o que poderia lhe dar uma vitória ainda no primeiro turno da eleição. Raciocinam os petistas que é essencial ter um terceiro candidato com chances na disputa para que se possa tirar votos dos dois lados e levar a eleição para segundo turno. Em 1994, apesar de disputar com Lula, Leonel Brizola e Orestes Quércia, o presidente Fernando Henrique Cardoso venceu no primeiro turno, sob o embalo da estabilidade obtida com o Plano Real.

Entre os parlamentares aliados ao Governo no Congresso, a disputa de um eventual segundo turno é vista como derrota parcial do presidente da República, porque prolonga a campanha eleitoral, expõe o Governo e enfraquece as teses liberais que são defendidas enfaticamente pelos governistas como sendo populares.

A tentativa da direção petista, que pretende procurar os adver-

sários para conversar antes mesmo da disputa do próximo ano, é uma postura pragmática dentro de um partido no qual inexistiu uma linha hegemônica de comportamento. E os dirigentes petistas sabem disso.

Dentro do próprio partido, pode haver opositores ao plano

Há facções dentro do PT que dificultarão acertos com o PMDB e com Itamar Franco, que está sem partido e ainda anda indeciso sobre seu futuro político, sem saber se disputa a presidência ou o governo de Minas Gerais.

— Como idéia, abrir espaço para uma ou mais candidaturas de centro é uma estratégia brilhante, que vai nos ajudar no futuro. Se vai funcionar, só o equacionamento de nossas diferenças internas vai dizer se fomos eficientes ou não — avalia o deputado Marcelo Deda (PT-SE), da vertente mais liberal do PT. ■